

VICENTE

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

José Camões
FESTA

Quimera

LISBOA 1992 | e-book 2005

Em 1906, o conde de Sabugosa edita o fac-símile de um folheto intitulado *Auto da Festa* que encontrara numa miscelânea existente na sua biblioteca. Publica-o na Imprensa Nacional e faz acompanhar a edição de uma *explicação* e de um estudo. Pelo que a reprodução deixa perceber, a edição original é muito pouco cuidada, com muitos erros de impressão e tipos já muito usados.

O texto do auto tem a particularidade de não estar transcrito na *Copilaçam* de 1562 nem na de 1586. Pode ter sido ignorância, exclusão ou esquecimento de quem as organizou. Apesar de Luís Vicente admitir apenas a perda de textos qualificáveis como *obras meúdas*, a verdade é que vários autos que se sabe terem existido com impressão anterior a 1562, como, por exemplo, *Jubileu* e, talvez, *Aderência* e *Vida do Paço*, não figuram no volume das obras completas. Mas de nenhum desses se conhece o texto. *Festa* é o único que chegou até nós.

A data da primeira representação do auto levanta dúvidas. Parece-me óbvio que o auto foi representado depois de *Templo* (1526). Há uma cena comum aos dois autos, que pode ser instrumento para estabelecer uma cronologia. Num verso de *Festa*, existe uma palavra que não faz sentido no contexto do auto: *e vão poer o porteiro*. O verso encontra-se também em *Templo*, com pequenas diferenças: *vão aqui pôr por porteiro*. Neste auto, a figura mencionada é personagem e cumpre a sua função controlando a entrada no Templo. Em *Festa*, em vez de um porteiro há um Parvo que fala português e não tem função de porteiro, já que este ofício não existe no auto. Daí que o verso em causa me pareça não ter sido adaptado a novas circunstâncias, como o foram outros desta cena, o que indica que *Festa* é posterior a *Templo*.

Depois do título, as primeiras palavras do folheto são *Auto novamente feito por Gil Vicente e representado*: o advérbio é sinónimo de tempo recente, de novidade. No entanto, o auto parece ser aproveitamento de outros anteriores. É verosímil que seja uma produção teatral posterior à morte de Gil Vicente, que aproveita fragmentos do teatro do autor, prática corrente ainda hoje. Os mesmos participípios introduzem o texto de *Almocreves*. Qual o seu valor? Serão do mesmo paradigma de *Pregação*: *feito e pregado*? Na didascália de *Alma* também se encontram as duas palavras, *feito e representado*, mas, tal como na acção de Abrantes, cada participípio está seguido de um complemento indirecto que nomeia os obsequiados: D. Leonor e D. Manuel. No caso de *Festa*, parecem querer designar acções praticadas por um mesmo sujeito, confirmando deste modo as palavras de André de Resende: *autor et actor*.

É dos poucos autos, tal como *Tormenta* e *Cananea*, que, à primeira vista, não terão sido representados para a corte. No entanto, há palavras de figuras do auto que apontam para uma representação em espaço régio: *vim-me à corte* (1'24), *vós outros que andais no paço* (7c04). Se esta última expressão não exclui outros espaços, a verdade é que pelo menos aponta para um público pação. Mas não se sabe onde nem quando. Janafonso refere o espaço como *sagrado e moesteiro*. São palavras que fazem sentido em *Templo*, mas que em *Festa* parecem totalmente deslocadas. Osório Mateus (*Livro das Obras*.

Vicente, Lisboa, Quimera, 1993) nega a autoria final do texto. Muitos versos revelam má qualidade poética e não parecem ser de Gil Vicente.

Entre 1502 e 1536, que se saiba, Gil Vicente contribuiu com a sua arte para a celebração do nascimento de Cristo por nove vezes: *Pastoril Castelhana* (1502), *Fé* (1509?), *Tempos* (1511?), *Cassandra* (151?), *Purgatório* (1518), *Pastoril Português* (1523), *Feira* (152?), *Festa* (152?) e *Mofina* (1534). Conta-se ainda entre os autos executados para a época natalícia *Reis*, na Epifania de 1503 e, talvez, *Clérigo*, possivelmente no Natal de 1526. Em todos estes autos, o nascimento de Cristo é motivo e, de um ou de outro modo, assunto do auto. Só em *Festa* a figura do filho de Deus parece ter sido totalmente esquecida no teatro e o argumento nada tem a ver com a época que o auto celebra.

O título *Auto da Festa* encontra-se na folha de rosto do folheto, em *caixa alta*, separado da didascália por um conjunto de três figuras, uma masculina e duas femininas, convencionais nas edições quinhentistas e seiscentistas de teatro. No texto do auto, a palavra *festa* encontra-se por uma vez, no final, numa fala de Caterina, dirigida à Verdade: *em esta festa presente* (8d14). O verso que mais credibilidade dá à hipótese de uma representação natalícia é um verso de Janafonso dirigido ao Parvo pedindo-lhe que este o deixe entrar naquele espaço *e mais em dias de o Natal* (4d10). Na cena correspondente em *Templo*, este verso não existe e ao seu lugar está outro com a mesma rima. Também se pode tomar como indício de Natal os versos que referem o nascimento de Deus e que em *Templo* não existem ou são diferentes. No entanto, o nome *festa* pode não indicar o Natal, mas parece ser sinónimo, a *festa* por excelência. No auto da *Fé*, a didascália refere as *matinas do Natal* como *aquela festa* e na explicação do Natal aos pastores a Fé diz: *a festa que vedes vós*. Em *Clérigo*, o pai diz ao filho: *Vós haveis de celebrar \ missa da festa em pessoa*. A didascália situa a acção em *béspora de Natal* e, no auto, quando não encontra a lebre que buscava, Gonçalo queixa-se de que *nem tal chufa nam é boa \ pera béspora de festa*, o que cria um paradigma de sinonímia entre *festa* e *Natal*. Mas o *dado do fingimento pode ou não coincidir com idêntico momento real* (Ângela Correia, *Clérigo*. Vicente, Lisboa, Quimera, 1989, p. 3).

O auto compõe-se de números soltos, aparentemente sem ligação entre si, e que encontram paralelo noutras produções de Gil Vicente. Para além da cena entre o Parvo e Janafonso, decalcada de *Templo*, há uma Velha que, com o seu desejo de casar, faz lembrar a Velha de *Inverno e Verão*. O Parvo é figura corrente no teatro do autor. Rascão é também Lemos em *Índia*. A única figura exclusiva de *Festa* é a Verdade, personagem alegórica que em muito se assemelha à Fé, no auto de 1509 ou 1510. O número das Ciganas é eco da farsa do mesmo nome.

O auto começa com a apresentação da Verdade que se dirige, em arte maior, a um senhor e ao público. Esse senhor pode ser o rei, mas o mais frequente é identificá-lo com o dono da casa, a quem uma das ciganas se dirigirá mais tarde. A crítica aceita, sem grandes reservas, tratar-se do conde do Vimioso.

Porém, parece-me possível que a rubrica *Ao dono da casa* esteja preparada para permitir a repetição do auto em casas diferentes e a vários senhores. O discurso da Verdade é um elogio do patrocinador do teatro, convertendo-o no último baluarte da verdade em Portugal. Gil Vicente recorre muitas vezes a este processo de criar uma personagem alegórica que discorre sobre os males sociais e morais de classes e instituições políticas como cortes, magistrados, e clero. Neste caso, e depois da sua apresentação, a Verdade queixa-se do império da mentira em Portugal e da corrupção existente na corte. À sua entrada, a figura deve ter causado admiração pela indumentária que exibia. Não temos nenhuma notícia directa sobre o guarda-roupa utilizado, mas há versos de outras personagens que referem o luxo do fato. A riqueza que a personagem denota leva todas as outras figuras a quererem saber-lhe a identidade. O primeiro Vilão pergunta-lhe: *Ora bem e quem sois vós \ assi estais tão prosperada?* A cigana Lucinda compara-a com as outras mulheres presentes no espectáculo *achando-a mucho mejor assombrada* e espanta-se *de ver cola tan esmerada \ y de tanta galanía*. O Parvo dirige-lhe piropos: *Vós mana sois garrida \ bofelhas que estais galante*. É possível que esteja vestida de Princesa, à semelhança da Providência em *Cortes* (1521).

Auto da Festa

1

Auto novamente feito por Gil Vicente e representado, em o qual entram as figuras seguintes: primeiramente a Verdade, um Vilão, duas Ciganas, ãa per nome Lucinda e outra Graciana, e um Parvo e outro Vilão per nome Janafonso e ãa Velha e um Rascão que quer casar com a Velha, um Pastor per nome Fernando e três moças Pastoras, ãa per nome Mecia e outra Caterina e outra Filipa.

Entra logo a Verdade e diz:

*. Esteis muito embora senhor mui honrado
esteis muito embora assi como estais
e Deos vos faça tão prosperado
quanto eu sei que vós desejais.
eu sam a Verdade
que venho senhor com grande vontade
beijar-vos as mãos como a meu senhor
pelo verdadeiro e antigo amor
que sempre vos tive por vossa bondade*

1'

*que eu tenho corrido grão parte de Espanha
principalmente neste Portugal
e posso dizer que nunca achei tal
que me fizesse ãa honra tamanha.
oh grande mal*

*quem nunca cuidou que em Portugal
a Verdade andasse tão abatida
e a mentira honrada e com todos cabida
por muito melhor e mais principal*

*por isso Deos que é verdade acabada
dá pelo mundo tanta opressão
porque lá a verdade anda pelo chão
e a falsa mentira está levantada.
e pois assi é
que donde eu estou não pode haver fé
per donde esperem ser perdoados
permite o senhor que os seus pecados
os tragam sojeitos debaixo do pé*

*vim-me à corte cuidando achar
quem me fizesse algum gasalhado
sem achar nunca ninguém mal pecado
quem me quisesse somente olhar.
oh grão crueldade
que os tempos de agora tem tal calidade
que todos no paço já trazem por lei
que todo aquele que falar verdade
é logo botado da graça d'el-rei*

*nunca foi tempo em que o engano
tanto valesse com lisonjeria
e a verdade tivesse tão pouca valia
nem menos temessem a Deos soberano.
oh males mundanos*

2

*mentiras embolas e falsos enganos
quem lhes outorgou tam grande poder
que podessem ainda fazer
todos os grandes senhores oufanos*

*e tendo sabido que vós meu senhor
me tendes amizade e fé verdadeira
e por isso venho de aquesta maneira
dar-vos as graças por tão grande amor.
e com pensamento
de em vossa pousada fazer aposento
pois me amais com tanta firmeza
da vossa boca farei fortaleza
pera estar nela sempre de assento.*

O monólogo termina com a única intervenção humorística da Verdade. A coincidência entre as palavras do último verso e o gesto representado pelo actor (ou actriz) provocam, pelo menos, um sorriso.

Assenta-se a Verdade em ãa cadeira com ãa almofada aos pés e entra um vilão que vem em ãa demanda e diz:

A rubrica esclarece o leitor quanto ao propósito da segunda personagem que entra: o Vilão *vem em ãa demanda*. Esta indicação pode abonar a hipótese de o espaço de representação ser a corte real. Depois de uma breve exposição do caso, num tom marcadamente cómico que contrasta com o discurso sério e elevado da Verdade, as duas figuras entabulam um diálogo estéril, no fim do qual o Vilão desaparece para regressar apenas no final do auto. Depois do monólogo inicial da Verdade, o auto é todo em redondilha, excepto durante uma breve intervenção da mesma figura, quando se apresenta pela terceira vez, desta feita a uma das ciganas. A seriedade com que responde à pergunta justifica a re-utilização do metro nobre. Com a entrada de uma nova personagem, de farsa, o tom da representação muda completamente, bem como o metro. As imperfeições formais começam a ser evidentes. Logo na primeira estrofe, parece faltar um quarto verso que rime com o primeiro.

*. Digo que Deos vos mantenha
nego todos como estais
como creio que desejais*

2a

*eu são de cima da Beira
lá de junto do Fundão
venho com ãa apelação
bofás com farta canseira*

*qu' o juiz da nossa aldeia
sendo grande meu amigo
foi tomar birra comigo
por me chimpár na cadea*

*então diz que anda dizendo
a todo o que ouvir lhe quer
que me viu estar jazendo
com sua mesma molher*

*mas eu má morte me mate
e pela benção sagrada
de minha mãe que é finada
se eu sei parte nem arte
de tão grão balcarriada*

2b

*verdade é que um domingo
fui eu e peguei nela
ela foi pegou comigo
e assi como vos digo
tomei grã prazer com ela*

*mas perol daquela feita
nenhum desprazer lhe fiz
e ela mesma assi o diz
por tanto não apraveita
o que ela contra mi diz*

*porque ela nunca bradou
nem dix-me tirai-vos d'i
mas antes muito folgou
e grande prazer tomou
segundo nela senti*

2c

*ora pois que assi é
nego isto foi deste jeito
ele quer comigo preito
dizei-me por vossa fé
qual de nós tem o direito*

*enfim a conrusão é esta
pois cuida que sabe muito
ele ficará por besta
e sua mulher por aquesta
e eu livre e absoluto*

*ora pois vos hei contado
tudo o que venho fazer
queria de vós saber
pera ser bem despachado
que remédio hei-de ter.*

O diálogo que se segue começa por uma deficiência rimática. O segundo verso não rima com nenhum outro, pois parece-me improvável a utilização tão esporádica da assonância. Penso que se trata de erro do tipógrafo. Na terceira quintilha partilhada pelas duas personagens, há novo erro de rima. Ponho a hipótese de *demanda* estar a substituir *batalha*, palavra que surge com o verbo *vencer*, como aqui, dita pela mesma personagem e relacionada com a *demanda* que caracteriza o Vilão. A Verdade, em tom jocoso, insiste no tema da corrupção jurídica. O discurso do Vilão prossegue num registo de disparate, com a criação de antíteses cómicas, como quando insinua que a Verdade mente.

Verdade . *Se tu diante lhe deitas
duas dúzias de perdizes
e outras semelhantes penitas
farás que as varas dereitas
se tornem em cousas fritas*

*porque é tanta a cobiça
nos que agora tem mando
que em al não andam cuidando
e a coitada da justiça
anda da sorte que eu ando.*

Vilão . *Ora bem e quem sois vós
assi estais tão prosperada?*

Verdade . *Eu são a filha de Deos
que ando cá entre vós
muito pouco estimada.*

Vilão . *E bem como vos chamais?*

Verdade . *A mi chamam-me a Verdade.*

Vilão . *Vai-me dando na vontade
que isso que vós falais
que é tudo falsidade.*

2d

Verdade . *O que te eu digo é assi
não duvides nimigalha.*

Vilão . *Ora bem que Deos vos valha
encaminhai-me a mi
como vença esta demanda.*

Verdade . *Não te quero aconselhar
porque teu mal não tem cura
pois que não tens que peitar.
porém deitar a nadar
e encomenda-te à ventura
que ela te há-de guiar.*

Vilão . *Segundo meu parecer
eu vou de mal em peor
não me quero mais deter
ficai com nosso senhor.*

O próximo número tem como protagonistas umas Ciganas. Na década de vinte, Gil Vicente apresentou um auto inteiramente composto por representações desse grupo étnico. Pode ser memória ou ante-projecto. Se for

memória, pode atribuir-se a um eventual êxito obtido com o auto das *Ciganas*. A função dramática destas figuras nos dois autos é idêntica: ler a sina dos espectadores e pedir-lhes dinheiro ou prendas.

Durante a actuação representam-se dois espaços cénicos: um fora da sala onde estão os espectadores e outro o próprio espaço de representação que coincide com o espaço representado. A transição parece-me ser apenas verbal e feita através dos três versos que antecedem a cantiga *San Juan verde*. Claramente as ciganas fingem uma entrada no espaço em que já se encontram. Ponho a hipótese de a primeira parte deste número ter sido executada à porta da sala onde se representa e durante o percurso até ao espaço onde se encontram os espectadores. A cantiga com que irrompem no novo espaço está totalmente deslocada num auto de Natal. *San Juan verde* refere o início da estação que sucede à do frio. De resto, todo o auto me parece despropositado para celebrar o Natal. *São João o verde* também é referido em *Inverno e Verão*, aí sim, ajustado às circunstâncias narrativas de renovação da natureza. Lope de Vega, celebrando o mesmo ciclo natural, num primeiro de Maio, compôs a comédia *Santiago el verde*, título tomado de uma festa primaveril da aldeia madrilenha de Soto de Manzanares.

As ciganas falam um castelhano marcadamente andaluz, com especial relevo para o *seseo* e o *ceceo*, denunciando a sua origem. Enunciam alguns dos tópicos que lhes são atribuídos: cantar, dançar, roubar, ler a *buena dicha* e pedir. Ao que parece, o pedido de dinheiro aos homens e às damas não teve resposta positiva. Como última esperança, Lucinda – a quem tinha cabido ocupar-se das mulheres – dirige-se à Verdade, destacando-a do resto das damas e gabando-lhe a indumentária que, no parecer da cigana, seria sinal de quem teria um comportamento diferente das demais, ou seja, de quem saberia retribuir os favores das ciganas. A Verdade é a única que lhes responde por fala e para as expulsar daquela *pousada*. Esta resposta provoca a ira da cigana que lhe predirá um futuro pouco sorridente, servindo deste modo a moral que se encena e denunciando uma situação real a que a Verdade já tinha aludido no monólogo inicial.

Vai-se e entram duas Ciganas cantando e logo diz Graciana a Lucinda:

*. Dexemos ahora el cantar
hablemos en nuestro hecho
porque el mucho holgar
no trae mucho provecho*

*hablemos de qué feición
hemos algo de hurtar
que se nos isto no val
nuestras rentas pocas son.*

Lucinda . *Tú piensas que andas en sierra*

*mucho poco medrarás
que la gente desta tierra
sabe más que Satanás*

*yo temo hermana mía
si nos toman en tal trato
que paguemos nos bien el pato
y aun muy más de la contía.*

Graciana . *Pues hermana qué haremos?*
Lucinda . *Balaremos tú y yo.*
Graciana . *De hurtar no curaremos?*
Lucinda . *No hermana no no no*

3a

*vate tú a los varones
y lóalos de loçanos
y como son cortezanos
ellos te darán mil dones*

*yo iré a las mujeres
con palabras de mesura
dezirles he la ventura
y darme han sus haberes.*

Graciana . *Pues antes que allá entremoz
para más las agradar
comecemos de cantar.*
Lucinda . *Graciana bien haremos.*

Cantam esta cantiga:

*. San Juan verde passó por aquí
cuán garridico lo vi venir.*

Ao dono da casa:

Graciana . *Dame señor generoso
muy virtuoso
da por Dios a esta criatura
dezirte he la buena ventura
qu'has de ser muy poderoso.
mucho mucho me contenta
tu planeta
has de ser muy venerado
mucho mucho prosperado
y señor de mucha renta*

*y también tienes la vida
muy comprida
mucho bien has de tener
luenga vida has de tener
Dios te la tiene prometida.
tienes presencia honrada
ea pues qué estás mirando
haz que vaya consolada
desta tu noble pozada
y mira señor cuál ando*

3b

A outro:

*tú tienes un pensamiento
que te da grande cuidado
haz tu corazón contento
que está muy desconsolado.
porque quieres que te diga
no te lo quiero encobrir
tú tienes una amiga
que no te dexa vivir*

*mas si tú hablas conmigo
y me tienes poridad
mira bien lo que te digo
tú la habraz cedo contigo
mucho a tu voluntad.
mira cuánto deprendí
que con palabras que sé
que delante te diré
yo la haré venir aquí
aunque muy lexos esté*

A outro:

*tú galán muy mesurado
y preciado
oh qué cosa te diré
tú andas muy namorado
de una dama que yo sé.
gran dolor passas por ella
pero sabe en verdad
que no tiene lealtad
más de quanto estás con ella
que otro tien su voluntad*

A outro:

*tú si fueres namorado
o casado
la que contigo casar
un fraile la ha de llevar
y desto perde cuidado
que no se puede escusar
lo que está ya ordenado*

3c

A todos:

*dad señores
pues que sois possuidores
de gracia tan infinita
por vida de vuestros amores
que me deis cualquier cozita*

*mirá aquí qué namorados
guayaz dellos y sus famas
que estiman más dos cornados
que las vidas de sus damas
y quieren ser amados.*

Fala Lucinda com as molheres:

*. Oh linda flor de las flores
mis amores
no seas desconocida
dame alguna cosa por vida
dessos ojos robadores*

*tres maridos has de tener
y de todos muy amada
y de uno has de ser
mucho mucho desseada
mas pero no te ha de haber*

A outra:

*tú señora casadica
namoradica
descansa tu corazón
si me das un camizón
haré que seas más rica
que haya en tu generación*

*vivirás muy descansada
y si me das prata o oro
descobrirte he un tesoro
qu'está dentro en tu posada
que quedó de un rey moro*

3d

A outra:

*dad señora bonita
garridica
ea dame alguna cosa
hermosa como una rosa
cómo te huelgas perrica*

*rabia mala que te mate
loçana dame esa mano
tu pensamiento es vano
habla conmigo de parte
y daréte el desengaño*

A todas:

*dadme señoras preciadas
y enamoradas
pues que nada no me dais
plega a Dios que os veáis
mucho mucho desamadas
de los que vos más amáis*

À Verdade:

*tú señora m'has de dar
qu'estotras no me dan nada
que yo te veo luego estar
mucho mejor assombrada
ea dame alguna cosa
cara de rosa
una saya desechada
una camisa rasgada
por vida desta persona
que te veas bien lograda*

*yo estoy muy espantada
ver cola tan esmerada
y de tanta galanía
dezidme por cortezía
cómo es vuestra nombradía.*

4a

Verdade . *Eu são a Verdade
filha ligitima da santa Trindade
e curo mui pouco de lisonjerias
creo em Deos por todas as vias
e o que tu dizes é grão vaidade
e sai-vos logo daquesta pousada
nam esteis aqui hora nem momento
em outro lugar fareis aposento
que agora daqui nam levareis nada.*

Lucinda . *Mira aquel donare
cómo es desgraciada
pues mándote yo rabiari
que has de andar arrastrada
mientras la vida durar.*

À despedida das ciganas segue-se a entrada em cena de um Parvo. Esta personagem, tal como as anteriores, entra cantando. A cantiga é de tema pastoril e adapta-se à tarefa da personagem – guardador de porcos.

O encontro entre o Parvo e a Verdade tem ressonâncias erasmistas, quando ele lhe propõe casamento. A associação entre loucura e verdade tinha sido expressa por Erasmo no *Elogio da Loucura* (1509) e o livro teve grande divulgação em toda a Europa. Não sei se há ou não uma tendência erasmista em Gil Vicente, mas o certo é que a filosofia do humanista holandês encontra eco nalgumas passagens do seu teatro, e de forma clara. A aliança entre o néscio e o sage – recordo o prólogo de *Floresta*, onde um Filósofo exhibe como atributo um Parvo que traz atado ao pé – pode ter em Gil Vicente a sua primeira expressão teatral europeia, que assumirá uma forma paradigmática em *King Lear*, de Shakespeare. A resposta que a Verdade dá às palavras do Parvo faz lembrar as falas do Anjo em *Inferno* (1517), dirigidas a Joane.

Nestas quatro estrofes, a deficiência poética é notória, manifestando-se na grande percentagem de versos hiper e hipométricos.

Vão-se as Ciganas e entra um Parvo cantando:

*. De so la giesta
dormiré la sesta*

*Fala: ou de lá gente honrada
vistes cá pela ventura
ũa bacarota cilhada
se passou por esta rua?*

Verdade . *Que rezão tão acertada
vai que ninguém nam na viu.*

Parvo . *Ela é de minha dona*

*eu pus-me a jogar a cona
entonces ela fugiu
sabeis como ela é andona*

*pois por Deos se a não achar
que não m'hei-d'ir daqui
por me ela não açoutar
aqui hei sempre de estar
até que venha por mim.*

4b

Verdade . *Mas que estês toda tua vida
e um mês mais adiante.*

Parvo . *Vós mana sois garrida
bofelhas que estais galante*

*quereis casar comigo?
pois polas horas de Deos
que seja vosso amigo.*

Verdade . *Deste é o reino dos céos
tu que saberás fazer filho?*

Parvo . *O que vos saberei fazer
esquece-me que vos farei
dizei que lhe farei eu dizei
quando com ela jouver.*

Verdade . *Embora este naceu
porque eu tenho por fé
pois aquele rei jocundo
o privou dos bens do mundo
que lhe dará o do céu.*

Parvo . *Mete-se-me esterpo no pé
manas achei um alfenete
tomai aquesta
olhai eu tenho ãa besta
mas não presta o caralhete.*

O número seguinte é constituído pelo diálogo entre o Parvo e Janafonso, com esporádicas intervenções da Verdade. Parte dele aparece também em *Templo*, onde as falas da personagem alegórica tinham sido atribuídas a Apolo. Nesta *tragicomédia*, as personagens falam castelhano, à excepção de Janafonso que fala português, já que a didascália anuncia: *Chega um Vilão português em traje de romeiro, e diz*. Em *Festa*, a nacionalidade não é referida. Parte-se do princípio de que as personagens são portuguesas.

Como aconteceu com as Ciganas, também Janafonso representa em dois espaços cénicos: um exterior e um interior. Do interior diz-se que é um mosteiro, que faz sentido em *Templo*, mas que em *Festa* é absurdo. Absurda é

também a função de porteiro assumida pelo Parvo. No entanto, pode observar-se um certo cuidado na reformulação de outros versos. Quando se apresentam as terras portuguesas como pátria do universo, em *Festa* substituiu-se, no verso relativo a Tomar, a palavra *febres* por *estrelas*, pois em *Templo* a referência vinha a propósito e indicava uma realidade contemporânea, retomada do prólogo, mas que em *Festa* estaria totalmente deslocada. Quando Janafonso se vê impedido de entrar, no espaço que não se percebe bem qual é, o discurso toma um tom cómico com recursos que Gil Vicente utiliza variadas vezes no seu teatro. Em primeiro lugar, há a referência a filhos de um prior; depois, em abono do seu direito a entrar naquele *moesteiro*, Janafonso enumera uma série de igrejas onde tem entrada franqueada. A coincidência que existe nas terras referidas – Ribatejo, Chamusca, Cartaxo, Alhandra – com as de bom vinho, produz uma sinonímia cómica entre sé e taberna. Um processo idêntico é utilizado em *Exortação* e em *Maria Parda*.

Depois da intervenção da Verdade, que permite a Janafonso entrar no mosteiro e ver a feira (?), Gil Vicente faz uso de uma das formas par-literárias mais em uso na época; Juan del Encina tinha já publicados uns *disparates*, uma espécie de poesia do absurdo, e Gil Vicente foi um continuador e inovador desse género poético. Recordo que, por exemplo, a visão disparatada que o *autor* descreve no princípio de *Templo* era apresentada como fruto de umas febres de que enfermara dias antes. No caso de Janafonso, o sem-sentido parece ser inerente à personagem. A nacionalidade de Deus, dos vários santos enumerados e do próprio Cosmos é apresentada com uma naturalidade que confere aos versos um tom hilariante que dispensa qualquer pretexto.

O feroz anti-castelhanismo expresso nos últimos versos desta cena é difícil de entender. Diz-se textualmente que, se em Portugal existe alguma *ruindade*, de Castela veio, já que *a gente de Castela* é pior do que *a de Guiné*. Duvido que a rainha, D. Catarina, castelhana, estivesse entre o público. Na cena correspondente em *Templo*, estes versos não existem e tinham sido outros, de tom elogioso para Portugal – *dele procederam \ todos reis da cristandade* – sem qualquer referência negativa a Castela. Não podia ser de outra maneira, se tivermos em conta que o auto fora representado *na partida da sacra e preclaríssima emperatriz, filha d' el rei dom Manoel, pera Castela, quando casou com o emperador Carlos*.

À direita apresento a transcrição da cena correspondente em *Templo*, fazendo coincidir na horizontal os versos comuns aos dois textos.

*Entra um Vilão per nome Janafonso
à maneira de romeiro e diz:*

*. Corpo de mim com a viagem
havia eu cá de chegar
crede certo que é errar*

*. Ah corpo de mi co'a viagem
havia eu cá de chegar
crede certo que é errar*

*prometer ninguém romagem
nego mesm'a do lugar.
porque nenhum santo bento
não deve de ter por bem
a canseira de ninguém
nego se é santo de vento
que não é nem vai nem vem.*

4c

*prometer ninguém romagem
nega mesm'a no lugar.
porque nenhum santo bento
nam deve de ter por bem
a canseira de ninguém
nega s' é santo de vento
que nam é nem val nem tem*

*quero ora cospir primeiro
antes que entre no sagrado
porque deve ser pecado
cospir ninguém no moesteiro
onde mais se é ladrilhado
Cosp. eremá como estou seco
cuidai que o demo é o demo
aqui trago um leva-remo
nego se m'eu embaleco
este é da pedra do estremo*

Cosp.

*quero ora cuspir primeiro
antes que entre no sagrado
porque deve ser pecado
cuspir ninguém no mosteiro
quanto mais s' é ladrilhado
Cosp. aramá com'eu estou seco
cuidai que o caminho é demo
aqui trago eu um leva-remo
nega se m'eu embeleco
este é da pedra do estremo*

Bebe.

Bebe, e depois de beber diz:

163d

*não há i tal coração
como depois de beber
que Deos não é senão prazer
e quantos santos lá estão
o dirão se for mister.
e também quero tirar
antes que entre na alhada
ũa cebola assada
que trago pera ofertar
logo de boa entrada.*

*nam há i tal oração
como depois de beber
que Deos nam é senam prazer
e quantos santos lá estão
o dirão se for mister.
er também quero tirar
ante que entre na orada
ũa cochina pelada
que trago pera ofertar
este Deos logo à entrada.*

Parvo . *Si logo cá entráis
ai de puta que quixadas.*
Janafonso . *Andam secas das geadas
porém si. vós deixais
entrar pessoas honradas.*

Parvo . *Quem sois vós?*
Janafonso . *Eu sam Janafonso.*
Parvo . *Tendes vós algum senhor
ou senhora de valor?*
Janafonso . *Lá ajudo eu ao responso
às vezes ao nosso priol*

Por . *Sí. luego acá entraréis
mirad qué negras quejadas.*
Vil . *Andam secas das geadas
perém si, vós leixareis
entrar pessoas honradas.*

Por . *Quién sois?*
Vil . *. Janafonso.*
Por . *Tenéis vos algún señor
o señora de valor?*
Vil . *Lá ajudo eu ao responso
às vezes ò nosso priol*

e trago-lhe dous novilhos

4d

e trago-lhe dous novilhos

*e ùa porca e assi
que sempre o eu servi
e criei-lhe já dous filhos
soma que é chegado a mi.
e bem inda vos digo
ora ele é homem que val
e também vós fareis mal
de tomar birra comigo
e mais dias de o Natal.*

Parvo . *Olhai cá home honrado
vós não haveis cá d'entrar
ide embora folgar
que eu estou já enfadado
e não quero senão falar.*

Janafonso . *Achareis lá tal andança
vir homem d'além de Braga
do concelho de Cornaga
gastando o que não alcança
depois estar nesta praga?*

Parvo . *Que quereis a Deos agora?*
Janafonso . *Mas que me quer ele a mi?
dizei-lhe eramá qu'está aqui
Janafonso ou embora
sicais que dirá que si.*

*ca se Deos fosse ocupado
como homem diz a respeito
mas ele tem tudo feito
d'antes que ele fosse nado
e meu visavô desfeito.*

Parvo . *Que lh'eis-de dizer vejamos.*

Janafonso cantando:

*. Rogarei a Deos del celo
qu'era padre de mesura
que me case ou me mate
e me tire de tristura
amor não posso dormir.*

Parvo . *Assi lhe hás tu de dizer
vai-te vai-te eramá d'i.*

Janafonso . *Quereis conhecer o roim
dá-lhe ofício a servir*

e ùa porca e assi

*que lhe criei já dous filhos
soma que é chegado a mi.
e bem ainda vos digo
ora ele é homem que val
er também vós fareis mal
em tomar birra comigo
que nam sam água nem sal.*

Por . *Pues aunque fueses criado
del papa que es gran señor
y no del emperador
en este templo sagrado
no entrarás labrador.*

Vil . *Achais lá que é conciência
vir homem d'além de Braga
do concelho de Cornaga
gastando o que nam alcança
despois estar nesta praga.*

Por . *Qué quieres a Dios ahora?* 164a

Vil . *Mas que me quer ele a mi?
dizei-lhe eramá que está aqui
Jan'Afonso ou embora
e quiçais dirá que si.*

Por . *Qué le has de pedir veamos.*

Canta o Vilão:

*. Rogaré a Dios del celo
que era padre de mesura
que ou me case ou me mate
ou me tire de tristura
amor no puedo dormir.*

5a

Por . *Y eso le has de pedir
vete noramala d'hi.*

Vil . *Quereis conhecer o roim
dai-lhe ofício a servir*

*pois não há casa na Landeira
nem em todo Ribatejo
que me ponha ninhum pejo
e j'eu estive na Pederneira
mas não vi o que aqui vejo.
e vão poer o porteiro
aquele pastel de pego
e tem cenreira começo
pois na igreja do Barreiro
entrei sem este trafego*

*e na sé da Cortiçada
da Chamusca e do Cartaxo
e d'Alhandra e mais abaixo
entro sem pejo e sem nada.*

Parvo . *Entra vejamos que espera.*
Verdade . *Entra e verás a feira.*
Janafonso . *Tão boa roupa como esta
inda eu não vi na feira
mas ver e no mais que presta
nego pera ter canseira?*

Verdade . *De que te espantas grosseiro
cuidas que isto é aldeia?*
Janafonso . *E não vê vossa mercea
que são eu também romeiro
ou haveis mister candeia?
e mais acho-me enganado
samicas Deos nam sé ele aqui.*
Verdade . *Dize-me como assi.*
Janafonso . *Disseram-me que era nado
e que sia nego daqui*

parém não vos darei bolos 5b *porque como a noz é noz
Deos naceu em Estremoz
e sua mãe em Arraiolos
e esta é minha voz*

*e são Pedro no Barreiro
e são Paulo em Alcochete
e são Francisco em Punhete
e santo Spiritu em Pombeiro
e são Brás em Alegrete*

*pois nam há casa na Landeira
nem em todo Ribatejo
em que eu nam entre sem pejo
e já estive na Pederneira
e nam vi o que aqui vejo.
vão aqui pôr por porteiro
um demo pastel de pego
e tem cenreira começo
pois n'ergueija do Barreiro
entrei sem este trasfego*

*e na sé da Cortiçada
e da Chamusca e do Cartaxo
e da Alhandra e mais abaixo
entro eu sem pejo e sem nada
e aqui estou nesta canseira.*

Apo . *Entre entre qué cosa es esta?*
Vil . *Pardeos tal roupa com' esta
nunca a vi vender em feira
mas ver e nam ter que presta?*

Apo . *A qué vienes di grosero
piensas que estás en aldeia?*
Vil . *E nam vê vossa mercea
que sam eu também romeiro
ou haveis mister candeia?
e mais acho-me enganado* 164b *porque Deos nam é castelhano
nem viera eu cá este ano
se disto fora enformado
mas nam é nada um engano*

nunca vos eu darei bolos
*porque como a noz é noz
Deos naceu em Estremoz
e sa mãe em Arraiolos
e esta é minha voz.*

*e são Pedro no Barreiro
e são Paulo em Alcochete
são Francisco em Alegrete
e sant' Isprito em Pombeiro
e são Fernando em Punhete*

*e o céu e a terra e o mar
nasceram na Golegã
e o sol na Lourinhã
e as estrelas em Tomar
e as moças na Lousã*

*o céu a terra e o mar
naceram na Golegã
e o sol na Lourinhã
e as febres em Tomar
e as moças na Lousã.*

*e são Vicente verdadeiro
em Almeirim nasceu também
são Fernando em Santarém
e são João em Aveiro
isso sei eu muito bem.
todo bem e a verdade
neste Portugal nasceram
e se há i algũa ruindade
de Castela a trouxeram
que não são nego maldade*

*todo bem e a verdade
neste Portugal naceram
também dele procederam
todos reis da cristandade
porque os mais dele vieram*

*eu nam vos hei-d'adorar
porque Deos é português.*

*é a mais ruim relé
esta gente de Castela
que juro pela bofé
que melhor é a de Guiné
setecentas vezes que ela*

A partir daqui, deixa de haver coincidência entre os dois textos.

*porém quero-me tornar
e seguir minha romagem
mas porém por não errar
ensinai-me vós a viagem
que agora hei-de levar.*

Parvo . *I-vos sempre pelo chão
então logo acertareis.*
Janafonso . *Ó senhor não me zombeis
nem faleis dessa feição
com quem vós não conheceis*

5c

*porque um homem honrado
como vossa mercê é
descreto e avisado
será-lhe mui mal contado
enganar-me sem porquê.*

Parvo . *Ide logo pelo ar*

pois que nam me quereis crer.
Janafonso . *Não quereis senão zombar.*
Parvo . *Olhai cá quereis saber?*
ireis logo pelo mar.

Janafonso . *Isto deve ser rascão*
ou eu sei pouco da feira
porque tem tão má nação
que nunca fazem senão
zombar da gente da Beira
mas eu quero-me acolher.
Parvo . *Minha mãe vem escolá*
e eu quero-me esconder
porque ela sempre me dá
que me faz tanto doer.

Entra uma nova personagem, que vai ser nova protagonista. É a mãe do parvo. Esta Velha vem em busca do filho para logo buscar marido e lembra outras Velhas do teatro de Gil Vicente. Por um lado, a mãe de Isabel, de *Farelos*, com o seu carácter irascível traduzido num praguejar anafórico; por outro, as Velhas de *Clérigo* e de *Inverno e Verão*, que procuram marido mancebo. O diálogo entre mãe e filho é apenas pretexto para a figura feminina ficar só em cena esperando outra personagem. A Velha ridiculariza o filho por ele se candidatar ao amor, mas ela própria, pelo mesmo motivo, será figura ridícula e grotesca durante o resto do auto.

Entra ãa Velha que é a mãe do Parvo e diz:

. Jesu que me encomendo
má morte te nunca mate
dize qu'estás i fazendo.
Parvo . *Eu estou aqui jazendo.*
Velha . *Não comeste tu que farte.*
Jesu Jesu que farei?
nas más horas te eu vi
nas más horas te pari
nas más horas te criei
e nelas te conheci

5d

mau pesar veja eu de ti.
que recado dás dos porcos?
Parvo . *Eu jogava c'os cachopos*
eles foram-se por i
e faziam-me biocos.
Velha . *Mau pesar veja eu de mi*

*se te eu a ti não mato
não hei-de sofrer tal pena.*
Parvo . *Oulá dai-me vós piquena
oh renego de sam pato*

*e vós dais dessa maneira
e cada sempre não fazeis
senão dar-me com a cana
irei morar com minha dama
entonces vós raivareis.*
Velha . *Tornai cá meu namorado
não vos vades assi indo.*
Parvo . *Si eu estou escalavrado
com este aqueste quebrado
e então vós estais-vos rindo.*

A fuga do Parvo permite à mãe gabar a sua figura e mostrar-se disponível para segundas núpcias. Esta vontade é adivinhada por uma nova personagem que entra e terá ouvido o dizer da Velha. O Rascão, num aparte, estabelece cumplicidade com o público ao anunciar um engano de que a Velha será vítima. O registo amoroso com que interpela a mãe do Parvo é reconhecido pelo público como falso e cria uma situação típica de farsa, na qual o espectador sabe mais do que a personagem enganada. As metáforas são as próprias do discurso amoroso sério – *lírio esmaltado, minhas dores* – aqui transformadas em anti-código pela situação teatral. A conversa evolui até tocar a raia do grotesco, nos versos em que a Velha sugere a sua nudez e técnicas eróticas. Quando aborda o tema do casamento, a Velha surpreende público e leitores ao apresentar Gil Vicente como antigo pretendente. O Rascão elogia o carácter do autor, *sesudo*, mas a Velha contrapõe obstáculos de ordem física: é velho e *barregudo*, o que sem dúvida o torna inválido para quem presume ser *mais alva que a geadá, feita em torno e, sobretudo, mais quente que a brasa*.

Esta passagem tem sido frequentemente analisada pela crítica na tentativa de descobrir dados biográficos do poeta que facilitassem a datação do auto e, por conseguinte, tornassem possível estabelecer a data de nascimento do autor. Não é só em *Festa* que Gil Vicente se nomeia. O mesmo acontece em *Pastoril Português*, *Físicos* e *Lusitânia*, sempre em tom cómico e referindo a actividade teatral.

A cena culmina com o pedido de casamento. A teia urdida pelo Rascão vai-se cerrando e a ridicularização da Velha acentua-se. A pressa em casar fá-la prescindir da cerimónia religiosa e prontifica-se ela própria a celebrar o sacramento. É a altura propícia para o Rascão fugir, alegando um falso parentesco, impeditivo da boda. Na ânsia de reter o noivo, a Velha parte em busca da dispensa conferida pelo *Núncio que aqui está* e de quem é amiga. Há a hipótese de se tratar do Núncio real, presente como espectador e, deste

modo, interveniente no teatro, à semelhança do que acontece com outras personalidades noutros autos de Gil Vicente.

Vai-se o Parvo e diz a Velha:

*. Oh quanto mal me causou
este filho que pari
nas más horas pera mim
porque ele me envelhentou
e me tem posto em fim.
porque a falar verdade
inda eu tão velha não são
porque com boa rezão
não requeria minha idade
andar daquesta feição.*

Entra um Rascão e diz:

*. Esta velha quer-se casar
e senão que me esfolem
porém quero apostar
que sem daqui me mudar
adivinhe onde lhe come.
ora me deixai fazer
e começai de ouvir
porque lhe farei tecer
ũa tea sem ordir
nem na saber entender*

6a

*as mãos de vossa mercê
oitocentas vezes beijo
a quem peço que me dê
tal licença pera quê
a sirva como eu desejo.*

Velha . *Já isso a mim não convém.*
Rascão . *Não sejais desconfiada
enfim pera quem é nada
pareceis-me muito bem
pela hóstia consagrada.*

Velha . *A benção de Deos vos cubra
e a vós faça muito honrado.*
Rascão . *Olhai-me esta boa sombra
este lírio esmaltado
que vos parece senhora?*

*pois sou vosso namorado
doei-vos de minhas dores
fazendo-me alguns favores
senão dai-me por mandado.*

- Velha . *Já filho esses enganos
pera mim são muito velhos.*
- Rascão . *Tirai vós aquestos panos
parecereis de quinze anos
pelos santos evangelhos.*
- Velha . *Ui filho dizeis verdade
por este dia de Deos.*
- Rascão . *Pois que vos parece a vós
sei-vos bem a calidade.*
- Velha . *Pois inda não vedes nada
porque eu ando hoje de forno
se me vísseis desnudada
são mais alva que a geada
pareço feita em torno
eu me enfeitarei um dia
veremos quem a mi vence.*
- Rascão . *Sabeis vós que me parece?
deveis de ser muito fria.*
- Velha . *Ui mais quente que a brasa
antes vos faço saber
que se não fosse o comer
não faria lume em casa
nem me faria mister.*
- Rascão . *Deveis-vos vós de casar.*
- Velha . *Olhai filho eu vos direi
já me a mim mandou rogar
muitas vezes Gil Vicente
que faz os autos a el rei
porém eu não sou contente
antes me assi estarei.*
- Rascão . *Porquê?*
- Velha . *Não me contenta.*
- Rascão . *Pois é ele bem sesudo.*
- Velha . *É logo mui barregudo
e mais passa dos sessenta.*
- Rascão . *Segundo minha tenção
vós sois má de contentar.*

6b

Velha . *Bofelhas filho não são
porém não me vem à mão
cousa pera eu apanhar.*

Rascão . *Pois a vos falar verdade
eu vos queria rogar
se quereis comigo casar.*

Velha . *Filho de boa vontade
casemos sem mais tardar.*

Rascão . *Ora bem de que feição
quereis vós que isto seja?*

Velha . *Que me deis logo a mão.*

Rascão . *Não me parece rezão
sem ir primeiro à igreja.*

Velha . *Não sois vós nisso sabido.*

Rascão . *E pois como há-de ser?*

Velha . *Receber-me por molher
e eu a vós por marido
que isso depois há-de ser.*

Rascão . *E quem nos receberá
que as palavras não sei?*

Velha . *Calai-vos que eu as direi
chegai-vos vós pera cá
que eu vo-las ensinarei

como haveis nome?*

Rascão . *Gil Tibabo.*

Velha . *E eu Filipa Pimenta
recebo.*

Rascão . *Tá. não vades ao cabo
esperai dou-me ao diabo
e vós sois minha parenta.*

Velha . *Ir-nos-ia o olho mau
agora emparentar?*

Rascão . *Não tendes que duvidar
somo-lo no quarto grau
escusado é porfiar.*

Velha . *Jesu não mo digais
que me fino em ouvir isso.*

Rascão . *A mi me pesa muito mais
pola fé de Jesu Cristo.*

Velha . *E pois que determinais?*

Rascão . *Como quê? que o deixemos.*

6c

Velha . *Estamos bem aviados
depois de estar concertados
quer ele que o deixemos.*

Rascão . *E pois quereis que casemos
pera andar escomungados?*

Velha . *Que não são vossa parenta.*

Rascão . *Sois vós Filipa Pimenta?*

Velha . *São o demo que vos tome
não sou. que errei o nome.*

Rascão . *Como m'isso a mi contenta
olhai cá minha senhora
crede ãa cousa de mi
que o que digo é assi
senão ficai-vos embora
que eu não quero estar aqui.*

Velha . *Ui filho tornade cá
ouvi-me ãa rezão
o Núncio que aqui está
tem-me mui grande afeição
nessas horas me dará
ũa boa absolvição
filho se aqui me esperais
eu vo-la trarei aqui.*

Rascão . *I que eu o farei assi
se vós muito não tardais*

A partida da Velha deixa sozinho o Rascão que discorre, dirigindo-se às damas do público (entre as quais se encontra agora a Verdade), sobre uma inusitada vontade de casar manifestada pelas raparigas e mulheres do seu tempo. O registo cómico acentua-se com o lançamento de um alerta: se as velhas são capazes de tudo para encontrar marido, o que farão as de quinze anos \ senão romperem paredes \ por cumprir sua vontade?

Vai-se a Velha a buscar absolvição e fica o Rascão dizendo só:

*não é de maravilhar
moças fermosas e belas
desejarem de casar
pois que velhas sem arnelas
se querem inda encachouçar*

*senhoras que vos parece
destas velhas engelhadas
estão meas entrevadas*

e tão sois não se conhecem

*se estas com todos seus danos
andam da sorte que vedes
sendo de tanta idade
que farão as de quinze anos
senão romperem paredes
por cumprir sua vontade?*

7a

*mas porém quem isto entende
achará clara razão
que quanto mais velhas são
tanto mais nelas se acende
este fogo d'alcatrão*

*olhai por quam poucochinho
me tinha já enliado
se eu não fora avisado
que lh'atalhara o caminho
como ficara aviado*

*pera que é falar mais nisso
olhai como lançou a mão
nunca vi tamanho riso
e agora em todo seu siso
vai buscar absolvição*

*mas não há-de ser assi
porque eu quero-me acolher
que quando ela vier
que me não ache aqui.*

Regressa o primeiro Vilão que partira em busca de justiça. Pelo que se depreende da segunda estrofe, a burocracia quinhentista não seria muito diferente da do século vinte. Este breve monólogo ecoa, de certa forma, as palavras iniciais da Verdade. Critica-se abertamente a forma pouco ética da aplicação da justiça e a corrupção na corte. São vários os autos em que Gil Vicente, de uma forma ou de outra, denuncia a política de aderências que se observava no paço. É um modo de intervenção mais comum nos autos do período joanino que nos do manuelino. Pode ser que a Verdade se refira a este reinado quando lembra *outros tempos passados* em que era *muito honrada*. No romance que compôs à *Aclamação de João III* (1521?), Gil Vicente, pela voz de nobres, alertava para a situação de injustiça decorrente das aderências. O mesmo tema é desenvolvido em *Almocreves* (1527) e *Romagem* (1533), ambos representados ao rei D. João III.

Vai-se o Rascão e torna o Vilão da demanda.

Vilão . *Trago grande menencória
do que lá me aconteceu
contar-vos-ei a história
mas tenho tão má memória
que já tudo me esqueceu*

*andei de cá pera lá
tornei de lá pera aqui
daqui tornar pera cá
e de cá pera acolá
enfim nunca houve fim.*

7b

Verdade . *Acabai já de contar
como passou vosso feito.*

Vilão . *Trago tamanho despeito
que estou pera me enforcar
e deitar por i a eito*

*a justiça não parece
a verdade é desterrada
e a mentira honrada
o que agora mais merece
esse há menos soldada*

*a meu pai ouvi dizer
nego ãa autoridade
nunca me há-de esquecer:
quem quiser ter de comer
que nunca fale verdade
senão sempre à vontade
do senhor com quem viver.*

Verdade . *Nos outros tempos passados
era eu muito honrada
do povo muito adorada
e agora por seus pecados
ando assi desterrada.*

Vilão . *Os homens hão-de seguir
a openião geral
porque já em Portugal
quem não custuma mentir
não alcança um só real*

*que os homens verdadeiros
não são tidos nua palha
os que são mexeriqueiros
mentirosos lisonjeiros
esses vencem a batalha*

*i não há já merecer
nem servir com diligência
quem quiser ter que comer
trabalhe por aderência
haverá quanto quiser*

7c

*vós outros que andais no paço
nunca vos falta desgosto
e eu assi como são tosco
segundo a vida que faço
não trocaria convosco*

*porque com duas sardinhas
fico eu mais satisfeito
que vós com vosso desfeito
nem cem capões nem galinhas
não vos fazem mais proveito.*

Depois de um interlúdio de crítica social torna-se à farsa e à história que estava a ser contada. A Velha regressa, já com a bula da dispensa e vem vestida de noiva. Não sei se a mudança de indumentária a teria rejuvenescido pelo menos quinze anos, como afirmava o Rascão, em forma de galanteio irónico. Em vez do noivo formoso que deixara, encontra um rústico pronto a substituir o quase marido, depois de ouvir a Velha confessar que ainda tem dinheiro que baste. A única condição imposta pelo Vilão é que o casamento se faça pela igreja e se celebre na sua aldeia, com a assistência de pastores. Em troca promete uma vida descansada à noiva.

*Torna a Velha com a bula do Núncio na mão com ãa coifa lavrada na
cabeça e vestida como noiva e diz:*

*. Trago o spirito tão cansado
que não sei parte de mi
depois que parti daqui
nunca mais comi bocado
e creio que pão não vi*

*ui filho onde estais
estareis já agastado?*

Vilão . *Dona por quem perguntais?*
Velha . *Por um mancebo dourado
mais belo que os corais*

como não sé ele aqui?

Vilão . *Olhai dona eu vos direi
tudo quanto dele sei
bofelhas que o não vi.*

Velha . *Pois eu aqui o deixei.*

Vilão . *Alguém o faria ir.*

Velha . *Boa concurusão é esta
como se havia ele d'ir?*

Vilão . *Como se havia ele d'ir
pera nunca cá mais vir.*

Velha . *E eu ficarei por besta.*

Vilão . *Pois assi há-de presumir*

*era ele vosso irmão
ou outrém que vos pertém?*

Velha . *Era filho um cortesão.*

Vilão . *Vós fiais-vos de rascão
levar-vos-ia algorrém.*

Velha . *Não levou màora não
mas estávamos concertados
ou quasi quasi casados
e deixou-me agora em vão
com meu dinheiro gastado*

*assi vós hajais benção
de vossos antepassados
qu'esta minha absolvição
me custou cinco cruzados
logo contados na mão.*

Vilão . *E ele joga cá dessa arte
faz gastar o mialheiro
então deixa-vos de parte.*

Velha . *Nam me dá a mi do dinheiro
que inda me ficou que farte*

*porém dá-me da canseira
que levei de cá pera lá.*

Vilão . *Eu vos direi que será*

7d

*pois já não tendes maneira
achegai-vos pera cá*

*pois já essoutro vai na vela
quero-vos dizer quem são
meu pai nasceu no Fundão
minha mãe em Margerela
e a mi chamam Jam Antão*

*se marido heis-de tomar
eu era o verdadeiro.*

Velha . *Tomar-vos-ei por parceiro
mas não é pera fiar
de nenhum homem solteiro.*

8a

Vilão . *Comego não heis-de ter
senão nego boa ventura
dormir folgar e comer
em mim não entra tristura
eu são o mesmo prazer*

*vós o santo nem domingo
não haveis de trabalhar
e portanto eu vos digo
que caseis ora comigo
não cureis de recusar.*

Velha . *Si mas heis-me-de jurar
que depois de ser casado
que haveis comigo de estar.*

Vilão . *Digo que se vos negar
que eu moura enforcado.*

Velha . *Filho pela minha benção
que eu não tenho vontade
porém dai-me cá essa mão.*

Vilão . *O casamento de verdade
há-de ser pelo abade
e nanja dessa feição*

*u-lo trigo que aqui está
nem tão somente avea
vamo-nos ora à aldeia
que lá nos receberá
inda que seja à candeia*

*e pera nossa alegria
quero ir chamar Fernando
Catalina e Mecia
entonces com ãa folia
iremos todos cantando.*

Mais uma vez a Velha se encontra na iminência de ficar descasada. Lamenta a partida de Jam Antão e teme que se repita a história do seu primeiro noivo. A culpa da má sorte no amor atribui-a à sua ingenuidade.

Vai-se.

Velha . *Ui e eu deixei-o ir
fui lá muitieramá
eu dentro na alma me dá
que não há cá mais de vir
por que não fui eu ora lá?*

8b

*vede por que eu lá não fora
não são pera nenhum bem
todo quanto mal me vem
são dele merecedora
pois me fio de ninguém.*

Apesar de a rubrica seguinte o não referir, é de prever que o Vilão regresse acompanhado de um pastor e três pastoras, convidados para a festa da boda. Pode ser esta a *Festa* do título e não o Natal referido em escassos versos hipoteticamente mal adaptados. Os pastores começam por elogiar o dono da casa – Gil Vicente aproveita para se auto-nomear mais uma vez, desta feita pela voz de Caterina, referindo a sua actividade de autor – e declaram-se ao seu serviço. O elogio do mecenas é característico do teatro feito por encomenda. O tom cómico persiste quando se dão conta da idade vetusta da noiva, mas parece que o casamento acabará por se fazer. A despedida das figuras coincide com o fim do auto e é feita com música e dança, uma chacota para a qual também é convidada a participar a Verdade que, de modo um tanto imprevisível, perde a compostura e aceita o convite para o baile.

*Aqui entra Fernando pastor e três moças pastoras e ãa per nome
Mecia e outra Caterina e outra Filipa e acabando de cantar diz
Fernando ao senhor de casa:*

*. Esteis muito na boa hora
e tenhais muita saúde
porque dizem lá por fora
que em vossa mercê mora*

grande soma de virtude

*e faço-vos a saber
que estou muito aparelhado
a fazer vosso mandado
como bem podereis ver
quando por vós for chamado.*

Mecia . *Também eu senhor desejo
com mui limpa e sã vontade
dar-vos minha liberdade
e servir sem nenhum pejo
a vossa muita bondade.*

Caterina . *Eu também nobre senhor
posto que vos não conheça
por respeito do autor
vos servirei com amor
até que a vida faleça.*

Filipa . *Pois se eu tanto valesse
ter-m'-ia por muito ditosa
se me a mim parecesse
que de servir merecesse
pessoa tão virtuosa.*

8c

Fernando . *Ora pois eu sam chamado
pera esta refestela
dizei-me qual é a donzela
com que embora sois casado.*

Mecia . *Samicas será aquela.*

Vilão . *Não muito mal adivinha.*

Caterina . *Pois qual será a bem lograda?*

Velha . *Buscades a desposada
vedes-me aqui onde estou.*

Fernando . *Deos vos faça descansada*

mana levantai-vos ora.

Filipa . *Bofás já eu vi outro dia
noiva ser mais desenvolta.*

Velha . *Como sou per cá per fora
logo são de todo morta.*

Mecia . *Como casastes tão cedo?*

Caterina . *Sei que tem a mãe ciosa
e a menina é fermosa
e sicais havia medo
de lhe aquecer algũa cousa.*

8d

Fernando . *Isso o deve de causar
porque é cousa perigosa
estar moça tão fermosa
muito tempo de casar*

*e pois já todos viemos
e deixamos nossos gados
ũa chacota ordenemos
e com ela nos iremos
de prazer agasalhados.*

Diz Caterina à Verdade:

*. Senhora pois vos achais
em esta festa presente
peço-vos que nos queirais
ajudar pera que mais
se faça perfeitamente.*

Verdade . *Digo que sam mui contente
pois me vós mana rogais.*

Saem-se todos cantando e dão fim ao presente auto.

Que eu saiba, para além de eventuais representações no século XVI, o auto só voltou a ser representado integralmente em 1965 na comemoração do *V centenário de Gil Vicente*, interpretado pela companhia do Teatro Nacional Dona Maria II (Amélia Rey Colaço – Robles Monteiro), com encenação de Pedro Lemos e cenário de Lucien Donnat, num espectáculo apresentado em récita de gala no Teatro Nacional de São Carlos em 29 de Novembro, e repetido no Teatro São João, no Porto a 3 de Dezembro, e depois no Teatro Avenida, em Lisboa, em *matinéés* clássicas. O espectáculo era constituído pela representação de *Auto da Festa*, *O Velho da Horta*, com encenação de Pedro Lemos e cenário de Raul Lino, um excerto do *Pranto de Maria Parda*, por Palmira Bastos, e *Auto da Alma*, com encenação e cenário de Almada Negreiros.